

Metapoesia

Ora, leitor, ouse decifrar,
quem escreve estas linhas?

Eu?
Poetisa?
Ou uma inteligência artificial?
Fria e vazia.

Um algoritmo?
Ou a minha velha caneta BIC?

Ela escreve,
mas não sente...
Ela organiza,
eu sobrevivo.
Ela calcula.
Eu tropeço.
Me ergo.
Erro o tom.

Algoritmos não amam.
Nunca amaram!
A poesia é carne.
É sentimento.
É fome.
É desejo.
É lágrima.

Nunca choraram ouvindo Vinícius de Moraes,

temendo o “ser infinito enquanto dure.”

Sabem que no meio do caminho tinha uma pedra,
mas jamais tropeçarão em uma.

Conhecem Quincas Berro D’Água,
mas jamais morrerão sequer uma vez.

Podem rimar amor com dor,
mas nunca vão perceber que são fios da mesma faca.
Sabem definir o amor,
mas nunca, nunca sentirão
o frio na barriga do primeiro beijo.

“Amor: Estado afetivo resultante da interação bioquímica entre dois indivíduos.”
Nunca creram.

Que mesmo que eu falasse a língua dos anjos,
sem amor, eu nada seria.

É... querida fantasma do silício,
sem pele, sem alma, riso sem boca;
humorista sem graça.

Definitivamente, não foi tu que escreveu.
Poetizar é viver!
Ou, talvez, nem seja?